

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Comunicação sobre:

“França, primeira metade do séc. XX: Debussy, *Le martyre de Saint Sébastien* (1911)”

Quinta-feira, 17/03/2011, 23h00

Quinta-feira, 24/03/2011, 13h00

Duração comunicação: 60 minutos

Resumo:

Le Martyre de Saint Sébastien: “Mistério” em cinco actos do poeta italiano Gabriele D’Annunzio, com música de Claude Debussy, cenários e figurinos de Léon Bakst, coreografia de Mikhail Fokine e encenação de Armand Bour, com a bailarina Ida Rubinstein, deslumbrante e provocadora, incarnando o próprio papel central do mártir São Sebastião – Paris, Théâtre du Châtelet, Maio de 1911.

A aposta era arriscada: recriar em pleno século XX um “Mistério” essa forma teatral com reminiscências medievais que nasce em pleno século XV; um espectáculo de proporções monumentais que envolvia meios grandiosos ao serviço de uma arte ao mesmo tempo religiosa e popular, a meio caminho entre o sagrado e o profano... a aposta tinha quase tudo para redundar num sucesso morno (na melhor das hipóteses, dada a qualidade dos artistas envolvidos) ou num clamoroso insucesso (dada a dificuldade dos meios e a impaciência do público face a uma representação de mais de cinco horas de espectáculo).

A aposta era arriscada, e, ao contrário de **Pelléas et Mélisande**, que na década anterior assegurara o sucesso internacional de Debussy, este **Martyre de Saint Sébastien**, apesar da beleza e do dramatismo da música, haveria de poisar numa prateleira dourada da história, raramente emergindo aos palcos e salas de concerto.

E porém, na partitura descobrimos algumas das páginas mais surpreendentes de Debussy.

Encontrei uma carta de Marcel Proust a Reynaldo Hahn, possivelmente datada de terça-feira, 23 de Maio de 1911 (escrita pelas 8h da manhã, especifica Marcel), na qual ficamos a saber que o futuro autor da **Recherche du Temps Perdu** assistiu, em pessoa, ao ensaio geral da primeira produção do **Martyre de Saint Sébastien**. Escreve Proust ao seu amigo Reynaldo Hahn:

*“Tudo o que há de estrangeiro em Annunzio refugiou-se no sotaque da Senhora Rubinstein. Mas em relação ao estilo não há como acreditar que se trata de um estrangeiro. Quantos franceses conseguiriam realmente escrever com tanta precisão. Como acabo sempre por concordar consigo, achei sublimes as pernas da Senhora Rubinstein [...]. E para mim foi tudo. Achei a peça bastante chata, com alguns momentos de excepção, e a música agradável mas muito magra, muito insuficiente, demasiado esmagada pelo tema, e a orquestra desmesuradamente grande para a meia dúzia de peidos [com que intervém ao longo do espectáculo]. No templo do terceiro acto estava convencido que era a marcha **des Petits Joyeux** que estava a ser tocada. Mas mesmo no fim, sob um sol de raios firmes, após a morte de São Sebastião, há um belo instrumento alegre.”*

Marcel Proust, carta a Reynaldo Hahn, escrita às 8h da manhã (sic) possivelmente do dia 23 de Maio de 1911.